

XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG



ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



Redes sociorreligiosas, crise sanitária e sociedade pós-pandemia

Claudio Pereira Noronha¹

Introdução

O distanciamento social, em diversas partes do mundo, foi uma das medidas adotadas como forma de (tentar) conter a circulação do novo coronavírus (SARS-Cov2), que, no Brasil, chegou em fevereiro de 2020. Entre as medidas, o fechamento temporário de empresas, comércio, serviços, entre outras atividades “causadoras” de aglomeração – as religiosas por exemplo –, foi o que originou maior polêmica. Considerando que a participação dos fiéis, nas cerimônias, é um elemento importante na distribuição dos “bens simbólicos”, as regras de distanciamento trouxeram desafios para as instituições no “campo religioso”.

Este texto tem como objetivo, então, analisar as seguintes questões: 1) como as lideranças orientaram os fiéis a organizar, em suas residências, durante o período de distanciamento social, suas práticas religiosas; 2) como as redes sociorreligiosas organizaram (ou “reorganizaram”) suas atividades litúrgicas (missas, cultos, giras, etc.) no período em que os templos foram obrigados a suspender suas atividades; 3) como tais práticas contribuíram para amenizar os problemas “psicológicos” advindos com a pandemia (por exemplo, o medo da morte ou a ausência de sepultamentos decorrente da necessidade do distanciamento) e, ainda, 4) qual a leitura que as religiões fizeram da pandemia como um possível fator de superação do atual modelo de sociedade e das relações interpessoais, ou seja, como pensam (ou refletem sobre) a sociedade pós-pandemia.

Para contribuir com esta análise, além de uma revisão bibliográfica, selecionamos uma “roda de conversa” realizada, via internet – no modelo de

¹ Mestrado e doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: clpnoronha@yahoo.com.br

“transmissão ao vivo” –, intitulada “Espiritualidade x pandemia: um olhar religioso para a COVID-19”,² com a participação de representantes de cinco grupos religiosos que se debruçaram sobre tais questões.³

O espaço sagrado e a pandemia

No início da pandemia, estados e municípios brasileiros estabeleceram critérios para determinar, por um lado, a abrangência e intensidade do distanciamento social, e, por outro, o momento da retomada das atividades.⁴ Isto impactou na forma com as cidades funcionariam, o que obrigou, pelo menos nos primeiros meses, que as instituições religiosas⁵ interrompessem suas atividades presenciais. Como, então, esses grupos “reorganizaram” suas cerimônias, aspecto importante para a formação do ambiente “sagrado”?

Antes de apresentarmos, propriamente, nosso ponto de vista sobre a maneira como as redes religiosas direcionaram suas atividades durante a pandemia, vale registrar o seguinte: o debate entorno do fechamento, mesmo que temporário, dos templos religiosos gerou considerável polêmica. Alguns grupos, especialmente no campo religioso cristão, se posicionaram contrários ao fechamento dos templos por defenderem que as igrejas teriam a prerrogativa no combate do coronavírus; nesse caso, confiantes tanto no “carisma” institucional como em suas lideranças (Weber, 2012)

Este debate, no entanto, “esbarrou” em elementos político-partidários, com forte conotação ideológica; membros da bancada evangélica, no Congresso Nacional, servindo de apoio ao presidente da República, opositor das medidas de distanciamento

² A partir daqui chamaremos este encontro de “Espiritualidade x pandemia”.

³ Este debate foi organizado pelo Sindicato dos Bancários do ABC e ocorreu no dia 15 de maio de 2020 (Noronha, 2020).

⁴ A base, para determinar as “fases”, através de uma gradação de cores, era a evolução da epidemia e a capacidade do sistema de saúde de atender a demanda de pessoas infectadas com necessidade de internação.

⁵ Como o conceito de “rede” nos ajuda a compreender as conexões estabelecidas entre as pessoas quando da participação dentro de um determinado grupo, e, por conseguinte, um conjunto (potencial) de capital material ou simbólico, utilizaremos, também, aqui os termos “redes religiosas” ou “redes socioreligiosas” para tratar das instituições ou grupos no campo religioso.

social, questionaram a veracidade das informações sobre a pandemia; os ataques não pouparam a Organização Mundial de Saúde (OMS), a Imprensa, partidos adversários, o que culminou em uma (falsa) dicotomia que colocava, em lados opostos, a “salvação de vidas” x “salvação da economia”.

A “bancada” chegou a pressionar pela classificação de “essencialidade” das igrejas, como forma de evitar a interrupção das atividades. Nesse contexto, lideranças promoveram (por WhatsApp) uma Campanha em favor do presidente e pela exterminação do vírus. “O exército de Cristo [convoca] para a maior campanha de jejum e oração já vista na história do Brasil” (Nascimento et al., 2020). Esta disputa se deu, sobretudo, no campo midiático e nas redes sociais; a morte (por COVID-19) de pastores e fiéis, forçou a mudança para um tom mais cauteloso ao longo do tempo (Noronha, 2020), o que não impediu que esses grupos cristãos aderissem, de alguma forma, ao que convencionou-se chamar de negacionismo (Stephanini e Brotto, 2021).

Embora tal disputa tenha produzido relativo “barulho”, nem todos os grupos religiosos foram contrários às orientações científicas para enfrentar a crise sanitária. Parte importante do “campo religioso” se colocou a discutir a pandemia, suas consequências e como lidar com ela, seguindo, inclusive, legislação organizada a partir das orientações da OMS.

Num momento de pandemia, como a vivenciada nesse momento com a COVID-19, a rotina das Igrejas precisou ser alterada. Com atividades concentradas aos domingos e centralizadas nos templos, as Igrejas precisaram se adequar ao momento, obedecendo às recomendações das autoridades de saúde, tendo que fechar os templos e utilizar estratégias alternativas para atender as demandas dos membros das comunidades (Stephanini e Brotto, 2021, p.70-71).

Na roda de conversa, “Espiritualidade x pandemia”, representantes das religiões mencionaram trechos de livros sagrados ou mensagens deixadas por profetas (o Islã é um exemplo) para reforçar que suas tradições, desde o início da pandemia, buscaram respeitar as orientações científicas como forma de evitar a circulação do vírus. Esses grupos reconheceram o “campo científico” como detentor do conhecimento legítimo para enfrentar uma crise sanitária do porte da COVID-19. Isso não impediu que o

“carisma” religioso, através, por exemplo, de orações, fosse reivindicado para (contribuir com) a “cura” do vírus ou mesmo para a saúde psicológica das pessoas.

Nesse período, a residência tornou-se uma extensão da vivência religiosa. Isso não é, em absoluto, uma novidade, considerando que as pessoas, normalmente, realizam parte de seu cotidiano religioso em casa, quando acendem uma vela, fazem preces, oferendas, etc. A questão é que, durante o isolamento social, esses “momentos” sagrados se configuraram de uma outra maneira. A poltrona de casa, em alguns casos, tornou-se o “banco” simbólico de uma cerimônia realizada virtualmente.

A internet, nesse contexto, passou a ser uma alternativa importante diante do impedimento da realização presencial das cerimônias. Missas, cultos, passes, palestras, meditações, orientações religiosas, compuseram o universo (virtual) das “lives”.

Um “passeio” pelos canais televisivos, ou redes sociais, mostram que grupos religiosos ou espiritualistas – grupos místico-filosóficos ou terapêuticos (*yôga*, por exemplo) – têm propiciado “virtualmente” ambientes simbólico-rituais (como correntes de oração), ou práticas meditativas, como forma de manter as pessoas em conexão com elementos sagrados. Com objetivos “religiosos” ou “psicológicos” buscam diminuir as angústias e incertezas trazidas pelo momento, e manter algum equilíbrio emocional. Vale lembrar que, além da morte como uma possibilidade, temos a proibição do velório e sepultamento dos entes queridos. As mensagens procuram levar “consolo” nesse momento de aparente “caos” (Noronha, 2020, p.256).

Esse aspecto – à distância – da vivência religiosa pode ser visto, em alguma medida, como uma “quebra de paradigma” (Stephanini e Brotto, 2021) com relação à constituição do espaço sagrado, visto que a participação dos fiéis compõe um elemento importante em sua formação. As atividades religiosas, ocorridas durante o período de isolamento social, romperam com esse componente? Esse é um debate complexo. Quando consideramos que o espaço sagrado requer, como propõe Eliade (2009), um rompimento com o cotidiano, o que acontece sobretudo pelo conjunto litúrgico-simbólico que o compõe, acompanhar uma Cerimônia de casa torna isso mais difícil.

Por outro lado, a internet possibilitou que os fiéis acompanhassem “ao vivo”, mesmo que à distância, as cerimônias de seus grupos religiosos. Missas e cultos, por exemplo, foram realizadas por padres e pastores, sem a presença física dos membros, mas com transmissões simultâneas. A forma como isso aconteceu, a nosso ver, não

desmobilizou, de forma absoluta, os vínculos entre os participantes. As transmissões ao vivo permitiam interações mantendo, assim, alguma conexão entre os fiéis e suas redes religiosas. Dessa forma, a ideia de religião como uma “comunidade de fiéis” (Durkheim, 1989) não se desfez totalmente.

A religião em meio ao caos?

A COVID-19 não trouxe somente uma crise sanitária. A rapidez da circulação do vírus, a agressividade da doença e o assustador número de óbitos, modificou, sem precedentes, o cotidiano das pessoas. Embora a garantia de uma vida longa nunca tenha sido uma certeza para ninguém, o medo da morte tomou nova dimensão. A perda de familiares e amigos passou a “assombrar” e, nesse aspecto, as redes sociais virtuais passaram a materializar, em nomes e fotos, o que, de início, eram somente dados estatísticos; isso contribuiu para que se criasse uma grande dose de ansiedade (e expectativa) sobre o futuro.

Outras questões somaram-se aos problemas sanitários, entre elas: o agravamento dos problemas socioeconômicos, sobretudo nas periferias urbanas (Noronha, 2021) e a violência doméstica (Galardinovic, 2020). Não será possível aprofundar tais questões, haja vista sua complexidade.

Em um âmbito mais específico, por exemplo o impacto psicológico trazido pela pandemia (impingidos pelo medo da morte ou distanciamento de familiares e amigos), pode-se dizer que as religiões cumpriram um papel importante, mas, até certo ponto, “esperado”. Mesmo sem possibilitar a garantia de cura, as religiões contribuíram com aspectos que são parte dos bens simbólicos normalmente ofertados.

As tradições religiosas possuem alguma explicação sobre o pós-morte, o que normalmente gera consolo na perda de um ente querido. Em meio a uma pandemia isso ganha novos contornos, especialmente pelo fato da impossibilidade de sepultamentos (Siena, 2020). A preocupação com o impacto das incertezas sobre a morte, sobre o pós-morte ou mesmo sobre a “salvação da alma”, foi um elemento presente nas transmissões ao vivo realizadas por grupos religiosos.

Um exemplo, nesse sentido, foi a transmissão de uma cerimônia protagonizada pelo papa Francisco em que, de forma solitária na praça de São Pedro (Vaticano), concedeu a Benção *Urbi et Orbi*.⁶

A bênção permite que mais de 1,3 bilhão de católicos obtenham a indulgência plenária, ou seja, o perdão de seus pecados, em um momento tão difícil, com medidas de confinamento que afetam mais de 3 bilhões de pessoas (G1/Mundo, 2020, online).

Na roda de conversa “Espiritualidade x pandemia” foram mencionados, também, eventos em que lideranças organizaram, em seus templos religiosos, atividades “solitárias”. Um exemplo, foi o Candomblé. Momentos como esse foram organizados por muitos grupos religiosos (com maior ou menor alcance) nos mais diversos formatos. Grupos de oração, grupos de meditação, palestras, mensagens “espirituais”, entre outros, buscaram desfazer as distâncias, diminuir a solidão e tentar dar alguma explicação para o momento difícil.

Também circulam “mensagens espiritualistas” (através de áudios e vídeos) que tentam explicar a atual situação de “crise”. Grupos espíritas, de muitos matizes, que acreditam na interferência do “plano espiritual” no mundo da matéria, têm buscado apresentar uma elucidação (inspirada em “seres desencarnados”) para tantas mortes ou sofrimento. Em geral, anunciam que a pandemia significa a “purificação” do planeta. A ideia (contida nas mensagens) é que, ao fim de tudo isso, teremos uma humanidade melhor (Noronha, 2020, p.256).

Do ponto de vista dos problemas existenciais, especialmente sobre questões como “vida” e “morte”, as religiões procuraram mostrar sua presença, levando alguma palavra ou resposta. Não sendo possível curar, o conforto ou o consolo tornaram-se bens simbólicos importantes.

E do ponto de vista dos problemas sociais, da realidade precária vivida por parcela importante da população, isso foi objeto de interesse das redes religiosas? Como refletiram sobre a sociedade pós-pandemia?

⁶ Esta Benção – que significa “à cidade [de Roma] e ao mundo” – foi concedida de forma excepcional, em decorrência da pandemia, pois, normalmente, ocorre na Páscoa e no Natal.

Religião e a sociedade pós-pandemia

A pandemia, decorrente da COVID-19, mais do que trazer problemas, colocou em evidência as inúmeras contradições que possui uma sociedade, tão desigual, como a brasileira. A miséria, nesse período, cresceu de forma significativa e os moradores das periferias foram os que mais sentiram o problema (Noronha, 2021). Nesse caso, a colaboração (com donativos) de ONGs, sindicatos ou igrejas foi importante. Figuras religiosas, como é o caso do padre Júlio Lancellotti, foram símbolos marcantes de solidariedade durante as fases mais difíceis da pandemia.

Mas para além dos problemas imediatos, trazidos pela necessidade do fechamento temporário de empresas ou comércio, qual a opinião das religiões sobre aspectos mais gerais? Os participantes do Encontro “Espiritualidade x pandemia” mostraram-se críticos ao atual modelo de sociedade, aos problemas advindos da concentração de renda, da indiferença com relação à miséria, da falta de políticas públicas ou mesmo dos poucos cuidados com o planeta.

Tais reflexões expressam o desejo de mudanças, na atual sociedade, colocando em evidência o anseio por um “novo normal”, termo “cunhado” logo após o início do isolamento social. Seguem os elementos “comuns”, do que seria uma sociedade pós-pandemia, presentes nas diversas falas dos representantes das religiões (Noronha, 2020, p.257-258).

a) Nesse momento de “crise sanitária”, os seres humanos são “chamados” a reaprender a viver. Essa deve ser a grande lição: “olhar” outros humanos, e demais seres vivos, com respeito. O Sagrado está na convivência e na empatia. “Amar ao próximo como a si mesmo”. Faz-se urgente deixarmos o individualismo para viver uma sociedade coletiva, deixar para trás o “eu” e construir o “nós”. A Educação (humanizada) deve ser voltada para a colaboração e não para a competição. A “diversidade” em todas as suas dimensões (raça, gênero, sexualidade), inclusive a diversidade religiosa, com o direito (e respeito) ao culto, deve ser a base das relações sociais. A justiça e a equidade devem ser a tônica nessa “nova” sociedade.

b) O ser humano precisa aprender a viver a simplicidade; o capitalismo nos estimula a querer ter muito, mas, precisamos aprender a viver com aquilo que realmente é necessário ou essencial. Também é desafiador aprender a observar as pequenas coisas da vida, os pequenos “milagres”. Devemos desenvolver valores éticos e morais diante das relações econômicas. Vivemos em uma sociedade com base na acumulação econômica. Isso precisa ser repensado!

c) É urgente a necessidade de cuidarmos de nosso planeta e não permitir o desmatamento, a poluição, a utilização de agrotóxicos; aprender a dominar a

natureza não é, simplesmente, impor nossa vontade. É necessário um posicionamento político, ético e ecológico responsável.

d) É fundamental a valorização da Ciência, contudo, os avanços nessa área não podem ter como prioridade atender aos interesses econômicos, mas, sim a produção do conhecimento a favor da vida e da preservação do planeta.

e) Para uma nova relação entre os seres humanos, e com o planeta, é necessária a mudança do atual sistema econômico; o capitalismo se preocupa mais com o lucro do que com as pessoas. O sistema mostrou-se ineficaz na proteção (durante a pandemia) da sociedade, por falta de relações de trabalho dignas ou estruturas públicas de saúde adequadas. Nesse caso, devemos mudar o comportamento (em sociedade) condescendente com as desigualdades. O papa Francisco, como alguém que está propondo (Economia de Francisco) debate sobre um novo modelo econômico, é um exemplo a ser seguido.

f) Precisamos de políticas públicas adequadas, e efetivas, para a população; o fortalecimento de políticas de Educação (que rompam com o modelo competitivo) e Saúde (o SUS, por exemplo) precisam atender a toda a sociedade que deve ter a dignidade humana como seu mais importante paradigma.

Considerações final

A pandemia, decorrente do novo coronavírus, trouxe inúmeros desafios para as redes sociorreligiosas. Foi necessário reinventar formas de organizar o espaço sagrado diante da impossibilidade de reunião de pessoas nos locais de culto. Mas, para além daquilo que, costumeiramente, poderíamos atribuir às religiões, por exemplo, garantir uma sensação de proteção ou ordem em meio ao caos (Berger, 2004), as lideranças religiosas precisaram refletir sobre uma sociedade pós-pandemia.

Entre os aspectos que configuram uma “nova sociedade” estão os valores coletivos (que deveriam prevalecer sobre o individualismo), uma cultura de paz, uma sociedade com equilíbrio social e respeito pelo planeta. Esta sociedade pós-pandemia tem grandes desafios pela frente.

Referências bibliográficas

BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*, 5. ed., São Paulo: Ed. Paulus, 2004.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico da Austrália*, São Paulo: Ed. Paulinas, 1989

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 3.ed., São Paulo, Ed: Martins Fontes, 2009.

GALARDINOVIC, Inez. As conquistas das trabalhadoras bancárias e a melhoria das condições de vida de outras mulheres. In: CONCEIÇÃO, Jefferson José da; NORONHA, Claudio Pereira (orgs.). *A era digital e o trabalho bancário: o papel do sistema financeiro e subsídios à ação sindical e às políticas públicas*. Santo André: Editora Coopacesso, 2020, p.325-350.

G1/Mundo. Papa reza só e concede indulgência plenária por pandemia de coronavírus. 2020. Disponível em: <https://shortest.link/2N45>. Acesso em 27/01/2022.

NORONHA, Claudio Pereira. Religião e covid-19: reflexões sobre a “sociedade” pós-pandemia. *Carta de Conjuntura* (Especial Coronavírus 2) Observatório de políticas públicas, empreendedorismo e conjuntura da Universidade de São Caetano. São Caetano do Sul, n.13, p. 253-259, julho/2020.

NORONHA, Claudio Pereira. Impacto da pandemia (covid-19) nas periferias do Grande ABC. *Carta de Conjuntura*. Observatório de políticas públicas, empreendedorismo e conjuntura da Universidade de São Caetano. São Caetano do Sul, n.17, p. 33-39, maio/2021.

NASCIMENTO et al. Covid-19: Bolsonaro briga para manter templos abertos por demanda da bancada evangélica. In: *Revista Opera Mundi*, 2020. Disponível em: <https://shortest.link/2R3V>. Acesso em 27/01/22.

SIENA, David Pimentel Barbosa de. Sobre os cuidados post mortem das vítimas dacovid-19: uma breve análise jurídica. *Carta de Conjuntura*. (Especial Coronavírus). Observatório de políticas públicas, empreendedorismo e conjuntura da Universidade de São Caetano. São Caetano do Sul, n.12, p. 66-69, abril/2020.

STEPHANINI, Valdir; BROTTTO, Júlio C. de Paula. A quebra de paradigmas religiosos em tempos de pandemia: dos templos para as casas e para as mídias. *PLURA/Revista de Estudos de Religião*, vol. 12, nº 1, 2021, p. 61-79.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 4 ed. 3. reimpr. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

